

AS FAKE NEWS ENVOLVENDO A ERUPÇÃO DO VULCÃO CUMBRE VIEJA EM LA PALMA - ILHAS CANÁRIAS

Leandro Ribeiro Nogueira¹

Introdução

Com o advento da internet retroalimentado o processo da Globalização a partir da década de 1990, os meios de comunicação foram se tornando mais ágeis e as informações circulam em velocidade ímpar nos dias atuais. Apesar de não ser um fenômeno que surgiu com a popularização da internet, as Fake News, ou Notícias Falsas são uma faceta inseparável do conjunto de bancos de dados virtuais da atualidade. Cada pesquisa em buscadores de internet deve ser verificada para que não utilizemos informações incorretas no cotidiano.

As Fake News são populares no meio político para confundir o eleitor e demais campos sociais usam este artifício para ganhos próprios a saber: meios religiosos, movimentos sociais, comunidades virtuais e grupos de pessoas adeptas à pseudociências e conspiracionistas. Muitas vezes a informação científica verdadeira é distorcida ou propagada de forma incorreta, a ponto de gerar dúvidas ou medo no ouvinte, tornando o interlocutor um seguidor fiel daquele que propagou a informação falsa afim de conseguir mais detalhes sobre o fato que ele teme ou tem dúvidas.

A erupção do Vulcão Cumbre Vieja na ilha La Palma no arquipélago das Canárias é um exemplo de como a informação científica distorcida e mal propagada causou pânico na população do litoral nordestino a partir da “certeza da formação de um tsunami que atingiria o litoral brasileiro”. O artigo de Ward e Day (2001) foi usado de forma incorreta para propagar a ideia da formação iminente de um tsunami a partir do colapso do flanco oeste do Vulcão Cumbre Vieja que atingiria o Brasil em cerca de 6h. Vários canais sensacionalistas do Youtube passaram a explorar o fenômeno que amedrontava os nordestinos mantendo-os como público recorrente de seus vídeos, acrescentando elementos religiosos ao discurso, teorias da conspiração e levantando

¹ Professor de Geografia Especialista em Gestão e Manejo de Recursos Naturais (UGB/FERP).

a hipótese de uma omissão da verdade por parte dos cientistas atuantes nos estudos da erupção Vulcânica.

Assim, entender o *modus operandi* desses indivíduos que distorcem informações científicas a benefício próprio torna-se relevante para possamos coibir e combater de forma mais efetiva as Fake News em sala de aula, pois nossos alunos estão em contato com as mídias sociais e carregam essas informações para as aulas de Geografia, por exemplo.

O objetivo deste estudo é analisar os elementos presentes na propagação de “Fake News científicas” e mensurar o impacto delas na sociedade utilizando a erupção do Vulcão Cumbre Vieja como caso.

Objetivos

O objetivo deste estudo é analisar os elementos presentes na propagação de “Fake News científicas” e mensurar o impacto delas na sociedade utilizando a erupção do Vulcão Cumbre Vieja como caso.

Metodologia

O presente estudo adotou o caráter básico de abordagem qualitativa com objetivo exploratório. Como procedimento técnico foi realizado um estudo de caso. A Fake News usada neste relato foi a “formação de um tsunami a partir da erupção do vulcão Cumbre Vieja em setembro de 2021”. Foram analisadas as diversas distorções e falácias sobre o artigo de Ward e Day (2001) a partir de vídeos veiculados por canais da plataforma YouTube e como essas impactavam o público. O *modus operandi* da fabricação da Fake News foi obtido através de análise qualitativa de diversos vídeos do Youtube e os impactos sobre a população foram analisados também de forma qualitativa usando os comentários dos vídeos e os relatos que recebia em minhas redes sociais e no meu próprio canal do YouTube.

Os nomes dos canais, dos vídeos e de todos os indivíduos das pesquisas serão omitidos para preservação da imagem de terceiros. O estudo está em andamento e seus resultados são parciais.

Resultados e Discussão

O artigo de Ward e Day (2001) analisa o risco potencial do colapso do flanco oeste do vulcão Cumbre Vieja a partir de uma nova erupção o que desencadearia um tsunami com ondas maiores que 10m que chegaria ao litoral nordestino em 6h. A situação descrita no referido estudo é uma previsão de como o evento poderia ser desencadeado, no entanto as condições geológicas para que tal evento se tornasse real não estão presentes na ilha atualmente como afirma Luis González de Vallejo, diretor da Área de Riscos Geológicos do Instituto Vulcanológico das Ilhas Canárias (INVOLCAN), centro de pesquisa que estuda o vulcanismo na ilha e acompanhou a erupção, através de declaração feita pelo site da instituição <https://www.involcan.org/>.

A partir do uso desse estudo como alicerce de veracidade, os canais do YouTube começaram a alertar para um tsunami iminente. Porém, não deixavam claro quais eram as condições necessárias para que esse fenômeno se formasse, mostrando que o cenário do estudo era extremo. Pelo contrário, explicavam que isso poderia acontecer a qualquer momento já que “a natureza é imprevisível” usando uma das falas proferidas nos vídeos. Apenas essa alegação já mostra o caráter contraditório dos emissores pois afirmam que a natureza é imprevisível mas tem a certeza da iminência de um tsunami e usam como previsibilidade o estudo de Ward e Day (2001). Além disso, não explicam ao público que o artigo se trata de um possível cenário de ocorrência de tsunami no Atlântico, mas não avalia as reais chances desse cenário se concretizar.

Um segundo elemento usado pelos canais do YouTube é o aspecto religioso e sobrenatural. Usando trechos e passagens do livro do Apocalipse da Bíblia Cristã, elementos da Transição Planetária dos Espíritos Kardecistas e falas de videntes que afirmam marcam datas para ocorrência do tsunami os apresentadores manipulam a informação científica a ponto de confundir os telespectadores, afinal explicações

sobrenaturais não tem como serem comprovadas ou refutadas e são aceitas de imediato como verdades. Tal prática é analisada por Barreto (2020) como necessidade do indivíduo em reforçar seus próprios valores e crenças através do compartilhamento de informação falaciosa ou sem análise de veracidade.

O terceiro elemento usado pelos apresentadores é o descrédito dos profissionais que estudam o vulcão e todos aqueles que tentam desmentir a informação. Eles apelam para o conspiracionismo e afirmam que existem pessoas no mundo dedicadas a esconder a verdade para não gerar pânico e os geocientistas mentiriam ao dizer que não há chances do evento ocorrer. E como prova de que dizem a verdade citam novamente o estudo de Ward e Day (2001).

Com esses três elementos na produção acrescidos de carisma e convicção na linguagem e títulos e capas de vídeos sensacionalistas, o prestígio dessas pessoas sobe na análise de seus ouvintes que passam a acreditar na falsa informação e acham que quem propaga Fake News são os cientistas!

O excesso de informações produzidos por esses canais permite apenas o consumo superficial e precário destas informações, que são repassadas de forma falaciosa pois há uma limitação física em nossa mente que não consegue processar e armazenar tudo que recebe na memória (MENEZES, 2007).

Como consequência dessas falácias um medo se instaurou em muitos lares nordestinos. Vários são os relatos indicativos de medo e insegurança dos ouvintes: pessoas querendo sair de casa e ir para interior se salvar, outros afirmando ser o final dos tempos, muitos descrevendo surtos psicológicos, insônia, ansiedade e depressão. Os que encontraram meu canal no YouTube demoraram a aceitar que não existia risco tamanho foi o grau de convencimento incutido pelos canais sensacionalistas.

Então, além da criação de notícias falsas sobre um hipotético tsunami, a desinformação também é utilizada como ferramenta. Os objetivos desses canais propagadores devem estar relacionados ao ganho monetário que recebem a cada visualização do seu conteúdo aliada a uma concordância coletiva sobre terioas e crenças que o autor do vídeo realmente acredita como verdade. Wardle (2017) identifica sete tipos principais de Fake News que se aplicam em maior ou menor grau neste estudo de caso:

1. Sátira ou paródia ("sem intenção de fazer mal, mas tem potencial para enganar");
2. Falsa conexão ("quando as manchetes, visuais das legendas não dão suporte a conteúdo");
3. Conteúdo enganoso ("má utilização da informação para moldar um problema ou de um indivíduo");
4. Contexto falso ("quando o verdadeiro conteúdo é compartilhado com informações falsas contextuais");
5. Conteúdo impostor ("quando fontes verdadeiras são forjadas" com conteúdo falso);
6. Conteúdo manipulado ("quando informação genuína ou imagens são manipuladas para enganar", como fotos "adulteradas");
7. Conteúdo fabricado ("conteúdo novo é 100% falso, projetado para enganar e fazer mal").

Considerações Finais

As Fake News e desinformação sobre o tema estudado impactaram de forma negativa a população nordestina telespectadora dos canais do YouTube com diversos relatos de pânico de diferentes graus sobre vários indivíduos colocando em descrédito o verdadeiro conhecimento científico.

Referências

- BARRETO, A. A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998.
- MENEZES, U.B. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, D.S. Memória e cultura: a importância na formação cultural humana. São Paulo: **Sesc**, 2007. p.13-33.
- WARD, Steven N.; DAY, Simon. Cumbre Vieja volcano—potential collapse and tsunami at La Palma, Canary Islands. **Geophysical Research Letters**, v. 28, n. 17, p. 3397-3400, 2001.
- WARDLE, C. **Fake news**. It's complicated. First Draft, 16 fev. 2017.